

6. A opressão do Egito sobre os grupos «israelitas» foi plural: exercia-se no Egito, península sinaítica, Síria-Palestina, Seir/Edom... A Síria-Palestina foi uma província do Egito desde meados do séc. XVI até meados do séc. XII. Os tempos, os grupos e os itinerários da libertação foram também diversos. Uns foram expulsos (*garash*) no séc. XVI pela «via maris»; outros foram libertados (*shillah*) da prisão no séc. XV (e talvez expulsos, *garash*) pela «via maris»; outros foram conhecendo breves folgas (*shillah*) concedidas pelas autoridades egípcias no sul judaico desde o séc. XV até ao séc. XIII: iam a três dias de caminho no deserto, à zona de Cades, para oferecer sacrifícios; outros foram expulsos (*garash*) no séc. XIII pela «via maris»; outros foram forçados por Moisés a sair (*hôtsî'*)⁵⁷ contra a vontade no séc. XIII pela «estrada do deserto»; outros lutaram para obter a libertação (Cades; Seir/Edom) no séc. XIII. Estas múltiplas experiências subjazem às grandes redacções J e E. E todas acabaram por ser postas em relação com a missão/vocação de Moisés, a que mais tarde foi associado Aarão e até Maria.

O *tell/textus/plexus* bíblico não é um mero processo literário. Tece-se ao ritmo complicado da vida. Ajusta-se, portanto, este trabalho à homenagem aos colegas professores José António Godinho de Lima e António Augusto de Sousa Marques, nos 70 anos da sua vida.

ANTÓNIO J. DA ROCHA COUTO

⁵⁷ Os grupos que estão ligados a estes acontecimentos (fundamentalmente Efraim-Benjamim e Manassés-Maquir, e talvez ainda alguns clãs de Rúben e de Levi) constituem o núcleo da «casa de José» e do futuro Reino de Israel. Seguem pela «estrada do deserto», e não pela «via maris», e entram na Palestina pela Transjordânia, e não pelo sul. É o seu itinerário e o seu léxico (*y'tsî'ah / éxodos / éxodo*) que passam para a história.

A pessoa sadia comunica e comunga

Entre os vários e complexos elementos estruturantes da pessoa, E. Mounier, de muitos modos e em variadas ocasiões, insistiu na comunicação como uma das suas experiências fundamentais. Mais ainda: trata da comunicação como a experiência fundamental e determinante da identidade pessoal, que «não é a originalidade, nem a auto-suficiência, nem a afirmação solitária, não é a separação, mas a comunhão»¹.

Consciente das correntes que desorientavam o pensamento e as intervenções do seu tempo, a partir das próprias experiências vividas e sofridas, deu-se conta de que dedicavam mais energias aos conflitos e à guerra do que na construção da paz. Mais: as suas afirmações de que «o olhar humano é um olhar de amor» e que «a comunicação das consciências 'desenvolvia-se' com existências pacíficas», não lhe pareciam evidentes na prática agressiva da vida envolvente.

Efectivamente as várias ideologias giravam à volta das necessidades de possuir e submeter, de ser tirano ou escravo. A fraternidade, a amizade e a partilha, pareciam não ter cabimento na vida social.²

No meio das tribulações não desiste de instaurar uma ordem nova, fiel à razão de ser das pessoas neste mundo, que lhes é entregue para ser interpretado, compreendido e desentranhado, para servir à comum vocação da fraternidade, a construir em liberdade

¹ E. MOUNIER — *Œuvres complètes*. 3^o vol. Paris: Ed. du Seuil, 1961-63, p. 451.

² Cf. *Ibidem*.

responsável, por todas as pessoas, cada uma segundo a sua própria vocação.

1. Confronto com J. P. Sartre

Visto que era uma pessoa com impacto nos vários meios sociais, mediante a intervenção pela escrita e o empenhamento directo na política de esquerda radical, assumiu a atitude de se confrontar com ele nos mesmos domínios, propondo uma alternativa.

Para Sartre, a recusa do outro, desenvolvendo a *dialéctica* do «para si», parecia-lhe ser uma exigência de honestidade mental e de fidelidade ao real. A consciência seria sempre e só a consciência de algo ou de alguém; por isso mesmo é constantemente projectada para fora de si mesma, para os objectos exteriores. Viver virado para o exterior, ocupado com o que solicita a consciência, é um inevitável movimento de *saída de si*. A consciência, sem esses «entretenimentos» ficaria vazia, ôca. Mas, por outro lado, conhecer é anular os objectos conhecidos. Nesta dialéctica nihilista, a consciência não passa de «não ser o que se é, e de ser o que não se é», visto que a consciência só sabe de si na medida que capta o objecto que ela não é. Neste sentido, a consciência seria pura intencionalidade para o real, sem estar vinculada a nada nem a ninguém.

Não estaria referida ao Transcendente, até porque Ele não existe; não estaria vinculada a si mesma, porque é vazia; não estaria ligada aos objectos conhecidos, porque destaca-se deles para os conhecer e anulá-los, conhecendo-os. Neste sentido, não coincide consigo mesma, nem com os objectos³.

A *filosofia do «em si»* seria o ser, para o qual a consciência intencional se «pro-jecta», coincidindo consigo mesma, nesta intencional projecção. Seria uma espécie de «plenum», viscoso e imóvel, não conseguindo relacionar-se com os «outros», encerrado eternamente em si mesmo. A existência seria a estúpida coincidência consigo mesmo, precedendo a essência. A existência seria um «em si», identificada com o mundo dos objectos, como fenómeno do ser que aparece à consciência como um «para si», revelando

³ Cf. *Ibidem*, p. 451.

alguns perfis úteis. Como a consciência não pode viver vazia e isolada em si mesma, lança-se para o «em si», conseguindo assim a auto-consciência. O «em si» é absorvido no «para si». Esta exigência da consciência ter de sair de si, é o risco de perder-se continuamente. Visto que a consciência não pode sair de si na situação do «em si», descola da situação. Neste vazio consistiria a essência da liberdade. A pessoa seria aquilo que eu vejo e que por vezes me vê a mim. Vejo-a como objecto e ela vê-me do mesmo modo. As provas deste modo de nos vermos reciprocamente, seriam a vergonha, o medo, a falta de à-vontade, a tentação de ataque ou fuga. Todavia, sendo um sujeito, eu só posso ser visto como objecto. Esta situação de *ser visto por outro*, é uma experiência irreduzível, que não poderá ser deduzida do outro-sujeito, nem do meu ser-sujeito. Daí que o outro é aquele que me olha e me torna objecto. E avança nesta dialéctica, concluindo que «ser visto» e «ser feito», são sinónimos de «ser roubado» da situação de sujeito. O olhar do outro escoá-nos do nosso ser, rouba-nos o ser e a identidade; ficamos circunscritos ao universo dos objectos. Diante de quem nos vê, tornamo-nos «ser para o outro»; do «para si», transmutamo-nos em ser «em si». Efectivamente o «outro é o meu pecado original» e «o inferno são os outros», porque roubam-me o ser, capturam a minha liberdade; nunca mais deixarei de ser escravo. Cada pessoa é para a outra um inferno interminável, uma tortura intolerável⁴.

Desta situação trágica, só há um modo de libertação, que não é nada cómodo: defender-se do outro, reduzi-lo a objecto, mantendo-o sob uma vigilância apertada, permanente e eterna.

O primeiro momento da minha atitude será de timidez e de defesa; mas é necessário, é urgente ir mais longe, passar ao ataque, utilizando duas estratégias: primariamente é a de apanhar o sujeito na sua alteridade e liberdade, enquanto «ser-que-olha» e me poderia dominar e esvaziar. Aliás o ideal do amor consistiria na captação da liberdade enquanto tal. Uma segunda estratégia, mais complexa, parte da suposta evidência de que, directamente, a comunhão de almas e de liberdades não é viável. Por isso há que passar pelos caminhos da corporeidade; e isto por meio de duas tácticas: reduzi-lo a

⁴ Cf. *Ibidem*, p. 131-132.

objecto pela indiferença, e pela sedução sexual, pela qual seria possível apoderar-se do corpo do outro e usá-lo. Mas esta meia solução revela-nos, indica-nos que disfrutar do corpo, não permite atingi-lo; a pessoa seria sempre inacessível. O sadismo seria uma forma de raiva e de fúria, expressa na humilhação e sofrimento do físico do outro, na tentativa de fazer sofrer a liberdade, que não consegue captar, dominar e escravizar.

Nisto se situa a tragédia humana: como sujeito, desejaria perceber o outro enquanto sujeito; mas na recíproca subjectividade só posso olhá-lo e ser olhado como objecto. Não é possível captar o outro: «foge-me quando o procuro e possui-me quando fujo»⁵.

Desta perspectiva fechada e pessimista, a unidade e a convergência não parecem possíveis: duas pessoas em fuga do esvaziamento e com o medo de serem escravizadas, escravizam-se mutuamente. As relações humanas são marcadas pelo conflito, a servidão e a degradação de um existente relativamente ao outro existente, que são inimigos definitivos. E esta dialéctica não teria outra saída.

A vida humana seria pois tecida de caos, servidão e amorfismo; a existência comunitária possível, é a de escravos, prisioneiros, condenados e desesperados, em que todos são «sujeitos-objectos», «nós-objectos» e como massa; eventualmente conseguem algo com o espírito de classe, de equipa de trabalho ou colegas de prisão. Mas não passa de psicológica experiência de condenados, em que continuam estranhos, enquanto sujeitos-objectos, plantados no conflito sistemático e definitivo. A única comunidade possível é a do desespero, sem horizontes nem hipótese de poder ser diferente⁶.

2. *A resposta de E. Mounier* a este estendal de desgraças definitivas foi longa e esmiuçada, sem fugir a nenhuma destas questões. Tentaremos resumir, sem trair, o contexto dos dados que fornecem outros horizontes, objectivos e realistas, na base do pensamento personalista:

⁵ Cf. *Ibidem*, p. 131, p. 134.

⁶ Cf. *Ibidem*, p. 130, p. 141-142.

a. *A questão do outro*, não deve situar-se nos atormentados parâmetros dos existencialistas. O outro não é este corpo que se situa face a mim mesmo; isso não passaria de um *corpo*, mas não o *corpo do outro*. Mais: o outro tão-pouco é a representação que dele faço. Nestes dois casos ficaríamos na aparência, na exterioridade fenomenológica, sem estabelecer uma *presença do eu e tu*, semelhantes e diferentes. Para quem não está apanhado pelas ideologias e os preconceitos, este encontro é a mais primitiva e fundamental das experiências humanas — o reconhecimento do outro como presença que desperta a própria consciência.

Esta atitude retira as pessoas do infeliz solipsismo. Esta relação é de sujeito para sujeito, ultrapassando o perigoso enquistamento do cogito cartesiano. Efectivamente, no cogito, o «eu» só pode existir como consciência, tomando certa distância em relação a «si mesmo», considerando-se como sendo visto por outrem. Assim a dialéctica do outro emerge na unidade de uma intuição original: «sum, ergo es» a qual se precisa sob certa incidência no «videor, ergo es»⁷.

b) *O relacionamento com o outro*, não deve ser encarado na perspectiva de Sartre de «ser para o outro», para utilitariamente se apoderar dele, pelo olhar ladrão. Pelo contrário, a função do olhar é disponibilidade, janela aberta para estabelecer comunicação e comunhão respeitadora, com o outro, comunicando a superabundância do que são e partilham em liberdade, concluindo no amor, que não é posse mas promoção da identidade recíproca. A perspectiva de Sartre estaria mais próxima da atitude paranóica do que da verdade das pessoas⁸.

A situação normal das pessoas é serem consciências livres e abertas à comunhão e partilha, aceitando as diferenças e sadiamente promovendo a convergência possível.

O mal fundamental da «ex-comunhão», que se sofre e provoca, não é uma fatalidade; não é a estrutura humana envenenada que o comunica e impõe aos outros, como pretendia Sartre. Pelo

⁷ Cf. *Ibidem*, p. 135.

⁸ Cf. *Ibidem*, p. 135-136.

contrário, «o mal que me recusa à comunicação das liberdades ou existências, é um mal que eu próprio suscito no momento em que me torno indisponível»⁹.

Esta atitude de indisponibilidade, brota da relação que cada um tem consigo mesmo; enquanto cultiva o egocentrismo, tornando-se «ocupado consigo mesmo» e opaco relativamente aos outros. Esta doentia atitude é uma forma crespada do ter sobre o ser.

Estas pessoas fechadas sobre si mesmas, auto-destroem a liberdade de serem elas mesmas, curvadas, protectoras dos seus «haveres», submetidas à voragem do tempo. A avareza, o ciúme e o ódio, são expressões desta doentia atitude de atacar quem possa ameaçar os próprios haveres, internos ou exteriores.

Estes comportamentos defensivos e agressivos perturbam a paz social, fundada no relacionamento, aceitação e comunhão recíprocos.

Há um texto de E. Mounier que sinteticamente expõe a problemática relacional:

«é no projecto predeterminado de indisponibilidade, e não na minha liberdade de sujeito, que apanho o outro como objecto, é na mesma disposição que me reduzo a recebê-lo como invasor»¹⁰.

Pelo contrário, na atitude de disponibilidade a si mesmo e ao outro, tudo é encarado de modo diferente: cada um é «ser-aberto», prestável ao outro e ao mundo. Os sentimentos de disponibilidade, admiração e fidelidade, representam a radical atitude de auto-libertação, com capacidade exercida de criatividade e continuidade, em vista do fim — a comunhão integral¹¹.

Tendo em conta o que fica apontado, o olhar pessoal, relativamente ao outro, pode ter funções múltiplas, segundo a sua verdade ou mentira instalada na pessoa. Tanto poderá ser uma atitude objectivadora e petrificante dos sujeitos, como ser interpelativa para os libertar de si mesmos. Eu posso ser o maior inimigo da própria identidade, genuidade e mesmidade, na medida em que me torno egocêntrico e opaco. O olhar do outro, generoso, interrogante

⁹ Cf. *Ibidem*, p. 137.

¹⁰ Cf. *Ibidem*.

¹¹ Cf. *Ibidem*, p. 138.

e interpelativo, pode desencadear atenção, disponibilidade e pôr-me em questão, sendo instrumento de libertação e redenção, convertendo-me aos outros e à transcendência.

Para Sartre, a transcendência consiste na faculdade de «anular» o «objecto conhecido», em atitudes calculistas de o «usar», evitando que seja meu concorrente ou ladrão do meu ser¹².

E. Mounier, neste domínio, próximo de Kierkegaard e G. Marcel, encara a existência e a transcendência num raciocínio e experiência complementares. A pessoa sente certo *pudor* diante da intuição do transcendente, enquanto Ele é totalmente outro e inexprimível. A não identidade leva à sensata atitude de respeito, embora cada pessoa seja mais do que ela mesma.

A *vergonha* é de outra ordem: revela-se no relacionamento recíproco, enquanto não somos para os outros uma existência plena; resulta de termos certa consciência de estarmos aquém de nós mesmos. A vergonha prova-me que existo em relação. Mais: esta experiência diz-nos que poderemos desembaraçar-nos dos nossos «limites fechados», dos nossos reumatismos morais e ir, em liberdade, ao encontro dos outros sujeitos e da transcendência.

Podemos e devemos ser mais do que fomos: temos à nossa frente e dentro de nós um projecto ilimitado que nos estimula para o afrontamento e superação dos limites, que são fabrico pessoal ou social¹³.

3. *A correcta aceitação do outro*, resulta da filosofia da comunicação livre entre pessoas-sujeitos.

A filosofia «para o outro» determina a filosofia «com o outro». Como vimos, Sartre insiste na radical impossibilidade da comunicação e menos ainda da intercomunicação, visto que a essência das relações humanas é o conflito sistemático, segundo a dialéctica de senhor-escravo, que eventualmente pode alternar as posições.

E. Mounier, pelo contrário, insiste em vários tons, que a mais radical experiência pessoal orienta para a comunicação de sujeito a sujeito, ao diálogo em liberdade, reconhecendo-se e promovendo-se

¹² Cf. *Ibidem*, p. 137-139.

¹³ Cf. *Ibidem*, p. 139-140.

reciprocamente. O «eu» do outro não é um limite para o meu «eu»; pelo contrário, leva à descoberta do «nós». Descobrimo-nos pela mediação respeitadora da recíproca presença comunicativa. Na imanência surge a intuição da transcendência. A comunicação e comunhão não perturba a interioridade; antes a revela e a estimula a desabrochar na linha da própria vocação e identidade.

Efectivamente, a experiência partilhada do «nós» é peculiar e favorece a abertura ao «entre-nós» das comunidades, cada vez mais alargadas, mas onde cada pessoa é conhecida e reconhecida. Cada um assume os respectivos papel, estatuto e função.

As dificuldades na comunicação são reais, visto que não é fácil ultrapassar as tentações de ignorar os outros, furtar-se à aceitação recíproca e eventualmente tentar esmagar os outros, tomando-os como concorrentes e rivais. As principais barreiras que todos podem verificar em si e no meio são:

- A constatação de que sempre nos escapa algo do que o outro é; o conhecimento recíproco é parcial e a relação afectiva intermitente. Mesmo na mais íntima relação dialogal, surgem mal-entendidos; é rara a experiência de coincidência omnímoda; quando acontece, a pessoa sente-se plena e indefinidamente confirmada na própria identidade.
- Também experimentamos teimosa resistência ao esforço incondicional da reciprocidade. Não é raro depararmos, no nosso íntimo, com tentações de má vontade e, pior ainda, má fé na condução do relacionamento.
- A existência pessoal é oleada com tentações de resistência à transparência. Os outros poderão surgir como curiosos e indiscretos observadores e descobridores da nossa identidade. Daqui poderá surgir a organização da opacidade, mais ou menos sistematizada, para fugir e resistir ao encontro e à transparência.
- A atitude narcisista, frequentemente, renasce como a Fénix das cinzas. Após movimentos e declarações solenes de reciprocidade e discreta fidelidade, reergue-se o egocentrismo contra a efectiva ou projectada generosidade estável. É frequente no nosso mundo competitivo e consumista, encontrar pessoas isoladas, na solidão e ávidas de atenção, comunicação e reconhecimento da respectiva identidade. É um fracasso,

mas não é uma fatalidade irreversível. Em termos de constatação dum mundo dividido, «a comunicação é mais rara do que a felicidade, mais frágil do que a beleza»¹⁴.

4. *A comunicação é a experiência mais fundamental da pessoa*, como Mounier gostava de frequentemente retomar e explicar: as pessoas, e só elas, são, por natureza, comunicativas; antes de serem em si e por si, as pessoas estão radicalmente orientadas para o outro e só no outro, no mundo e para o mundo. E faz apelo a dois argumentos, tirados da experiência quotidiana, apoiando-se em psicólogos humanistas, tais como Wallon, Freinet etc.

A experiência comum e universal, é de que o primeiro movimento das crianças, no primeiro ano de vida, é de estar à espera dos outros: a pessoa está disponível e aberta para o outro. Só na crise afectiva dos três anos, poderão eclodir as pulsões egocêntricas. O primeiro ímpeto dos seres humanos será para a sociabilidade. A criança descobre-se pela mediação dos outros; são eles que a conduzirão correctamente na mudança linguística da terceira para a primeira pessoa.

A criança normal experimenta, mesmo antes de entender, que cada um é um «eu-entre-os-outros», é um «eu-para-os-outros» e dos outros para o próprio eu»¹⁵. Cada um de nós conhece, pela mediação dos outros, a própria objectividade antes de perceber a subjectividade.

Todos somos frutos de relação e só relacionando-nos, em liberdade, existimos na nossa identidade. Em certo sentido, ser é amar. Esta posição explicita o adágio: só possuímos na medida em que nos damos, ou só se encontra quem se perde no serviço dos outros. Isto levar-nos-á ao confronto e ao despojamento na comunicação vertical com o Absoluto e horizontal com os outros, conseguindo ligar as duas direcções sem ruptura¹⁶.

5. *A comunicação e a conversão* fazem parte dos dois polos, à volta dos quais gravita a pessoa: exterioridade e interioridade. E

¹⁴ Cf. *Ibidem*, p. 455-456.

¹⁵ Cf. *Ibidem*, p. 467, p. 529.

¹⁶ Cf. *Ibidem*, p. 453; 1º vol., p. 528; 2º vol., p. 473-482.

desde o início a pessoa é um «ser para os outros» como palpação da vida secreta em constante elaboração, que inclui a íntima conversão para aprofundar a «pulsão complementar» da comunicação humana.

Esta conversão íntima tem uma trajectória que Mounier explicitou em várias etapas e diversas modalidades¹⁷.

Repetidas vezes E. Mounier sugere que a felicidade implica fidelidade integral às leis do ser pessoal, onde palpita «uma vida secreta que parece destilar constantemente a sua riqueza» e implica uma *constante atenção e conversão íntima*, para equilibrar, sadiamente, o ser em si e o ser para os outros. Este movimento de comunicação para conhecer e ser reconhecido, revela-se como uma pulsão complementar da dinâmica do ser pessoal. Trata-se de apurar a direcção e dinâmica da essencial *conversão íntima*:

• *O recolhimento* consiste na periódica auto-concentração para a correcta orientação das energias pessoais. Esta atitude essencial não se confunde com fuga ou defesa; é sim para que cada pessoa saiba de si, capaz de auto-avaliar-se em vista de ser fiel à totalidade da vida pessoal. Como resultado, saberá distinguir o que são: espontaneidade, hábitos adquiridos e genuínas pulsões do ser, que nos orientam para a verdade dos empenhamentos em confronto com a realidade, os acontecimentos da vida a viver. Principia por uma decisão avaliativa e conclui numa atitude de empenhamento lúcido, ponderado, ajustado a cada situação¹⁸.

• *A interioridade ou o ser em si* consiste na atitude de tentar auto-entender-se como misteriosa realidade pessoal «não inventariável», como fonte viva de liberdade e de abertura ao serviço. Esta «presença de si mesma», ajuda a perceber a profundidade, sem horizontes que é a vida da pessoa situada e referida; é uma *presença consciente*, activa e sem fundo. Descobre que a própria identidade está circundada por uma certa *intimidade, segredo e profundidade intraduzível* na respectiva originalidade sem fundo¹⁹.

¹⁷ Cf. *Ibidem*. 2º vol., p. 462.

¹⁸ Cf. *Ibidem*.

¹⁹ Cf. *Ibidem*, p. 463.

Pessoas há que se perdem na auto-exibição doentia, perdidas numa exterioridade e superficialidade que não lhes permitem experimentarem este original «distanciamento e profundidade». Estas, infelizes e dispersas, não chegam a perceber o pudor, a discrição física e psíquica daqueles que não esgotam o seu ser na balofa expressão directa e palavrosa.

Efectivamente a expressão do ser total das pessoas «intimistas», é criativo, evitando a vulgaridade e a repetição vazia, utilizam a ironia, o paradoxo, o humor, o mito, a simbologia, a ficção e outras modalidades, que mais sugerem do que explicam a profundidade englobante do ser total da pessoa que se assume como misteriosa e diferente, desperta para a comunicação e comunhão, mas sem a exposição de objecto perdido e diluído.

A intimidade e a privacidade resultam da atitude e sadia experiência do recolhimento «sobre si» e que descobre a interioridade do «em si». Estes movimentos ad intra conduzem à feliz experiência de plenitude, profundidade e intimidade alegre de se aperceber das fontes do próprio ser pessoal.

Aparentemente, esta experiência de interioridade a sério, poderá eventualmente entorpecer a dinâmica exterior, que se alimenta da agitação superficial da «vida vegetativa e do simples reproduzir e vender». Efectivamente o sentimento de «sentir-se na própria casa» poderá adiar a «luta pessoal», mas não fugir dela. Desta experiência, do privado e do público, conduzirá à organização de estratégias lúcidas e selectivas na partilha e no intercâmbio pessoal.

• É frequente que, num segundo momento, a entrega à construção da comunidade, seja mais esclarecida, sem tibieza e efectivamente eficaz, porque é a ajustada a cada situação, a partir da «verdade total» da vida pessoal. Cada pessoa, todavia, deverá estar criticamente atenta para não se refugiar no perigo da demissão, «tentando guardar na sua privacidade» o peso vegetativo, dispersivo e egoísta, que poderá conduzir à abstenção, ao exclusivismo doentio, descurando a vivacidade espiritual. Seria o caso em que «a intimidade espiritual, de simples e acolhedora, tornar-se-ia fechada e exclusiva»²⁰.

²⁰ *Ibidem*, p. 465.

E. Mounier insiste que a burguesia balofa contaminou os reais valores do «recolhimento e do privado», tomando a parte pelo todo; em atitude reactiva insensata, as várias formas de totalitarismo, tentarem extirpá-los da vida pessoal, impondo os excessos do radicalismo comunitário.

A terceira via é a personalista; deve esclarecer e lutar, sem tréguas mas sem violências descabidas, para repôr a verdade da complementaridade, da estrutura pessoal e do relacionamento, em vários graus e estilos diferentes, na vida das comunidades — familiar, vizinhança, escola, vida local, nacional e mundial — tanto a nível político como espiritual, que não se excluem, antes se complementam.

O ponto de partida, deveria ser a *pedagogia da reflexão*, de modo a perceber a *intenção e projecto* imanentes a todas as consciências sadias. A pessoa, na atitude de abertura, conhecimento e reconhecimento dos outros seres, torna-se, em certo sentido, esses objectos

«conhecidos de forma intencional, mantendo sempre a distância de cognoscente e conhecido. A consciência íntima, desperta e avaliativa, é luz e presença secreta, teoricamente, sem limites»²¹.

A pessoa, cada pessoa é um ser único, exclusivo, irrepitível e imprevisível, enquanto consciência e liberdade. Mas só realiza a própria identidade, na consciência assumida de que a intenção e projecto próprios são a abertura à alteridade e à diferença, voltados para o futuro, animados pela esperança que dispara e sustém a luta pela fraternidade.

A *percepção ou intuição da profundidade pessoal* conduz ao adequado recolhimento, evita a agitação da feira das vaidades e partilha o que se vai sendo, na intimidade familiar, onde se vive a lealdade, a transparência e o respeito recíproco. Cada pessoa aí recebe apoio, conforto e estímulo para se lançar, lucidamente, na renovação do mundo, que é tarefa de todos.

O místico, o filósofo, o artista, o político, o técnico, são fruto da família alargada. As comunidades políticas e religiosas são resultado da qualidade das famílias abertas. É na vida, na luta existencial, que se descobrem as falácias, as indiferenças, os

²¹ *Ibidem*.

totalitarismos, o teatro mal ensaiado, o consumismo, a falsidade, concluídos em formas várias de suicídios, visto que não aguentam as provas da vida a sério²².

E é, no mesmo campo de batalha, que se descobrem as pessoas orientadas pelos valores essenciais, inscritos na própria intimidade reconhecida: profundidade, continuidade, lucidez, abertura, partilha e comunhão. A marca da sensatez e da ocupação criteriosa, renovam os caminhos do empenhamento e, eventualmente, da correcção fraterna, sem se envolverem em trapaças ou maldicências deletérias²³.

6. A *dialéctica da interioridade e exterioridade*, está implícita na já referida necessidade de íntima e aturada conversão. A vida pessoal sadia vive constantemente na situação de valorizar pertinentemente os dois movimentos de apropriação e despojamento. No fundo traduzem, na prática, a dialéctica de afirmação e negação de si mesma. Em todas as operações pessoais encontramos este, pelo menos aparente, conflito. Como já referimos, não é possível uma subjectividade pura e total. Cada pessoa só se consegue reconhecer e afirmar na constante assimilação dos dados exteriores a ela mesma, que a levam a recolher-se na própria intimidade e reconhecer-se diferente.

Portanto o *ser e o ter* não são pura oposição, entre os quais haveria que optar. Na existência pessoal são dois polos com que tem que se contar. Não há ser sem ter. A grande tragédia é de que o ser pode degradar-se e perder-se nos «haveres», atribuindo-lhes indevidamente o estatuto de fins em vez de lucidamente os usar como meios. Este possível afundamento, na voragem do ter, levará à funesta confusão de não distinguir, no concreto, o que é sujeito e objecto. As pessoas sensatas integram, de modo ponderado, os «haveres» ao serviço do ser pessoal e agregado familiar e social. Fazem avaliações regulares para manterem a liberdade orientadora.

Sendo a propriedade uma condição importante na gerência da própria identidade e vocação empenhada, o importante é que

²² Cf. *Ibidem*, p. 466.

²³ Cf. *Ibidem*.

permita: concentração, solidão, mantendo a abertura à comunicação, à partilha e ao empenhamento livre. A densidade do ser pessoal não deve ser sufocada pelo degradante peso da abundância incontrollada²⁴. E, neste domínio, é essencial muita atenção e constante ponderação. Frequentemente o possuidor é dominado pelos seus objectos. Esta alienação está inserida, discretamente, em toda a possessão. A história está cheia destes testemunhos degradantes. Mas basta olhar à nossa volta e dentro de nós, para testemunharmos como a cobiça desumaniza e inverte e submete: os senhores incham e tornam-se escravos, na ilusão de que os haveres expandem a pessoa e o valor.

Efectivamente, a lei da posse não nos liberta automaticamente. É urgente a regular revisão de vida. Frequentemente a realização da vida pessoal, exigirá a entropia dos haveres sufocantes da liberdade.

A desapropriação dos haveres e de si mesma, é condição para ultrapassar o perigo do egocentrismo.

«A pessoa só se encontra, perdendo-se. A sua riqueza é o que lhe fica quando se despoja de todo o ter — o que lhe resta na hora da morte»²⁵.

E. Mounier não alinha no ascetismo formal, que cria peso e dependência da comunidade. A sua insistência visa a liberdade, o empenhamento e a partilha sensata, lutando pela igualdade de oportunidades e pela diferença de resultados.

A pessoa normal necessita de dois movimentos: de interioridade e exterioridade. E tanto um como o outro poderão enquistá-la e perdê-la: pela fuga interiorista, egocêntrica e abstencionista ou pela dispersão e dissipação nos haveres. As formas de vida captativa e superficialmente oblativa são riscos a ter em conta. O desenraizamento, o consumismo, a avareza, a glória, o sucesso, o narcisismo, a astúcia, o erotismo, a superficialidade etc., tentam substituir a santidade, o heroísmo, a coragem, a verdade, a dialéctica, a confiança, a fidelidade, a esperança etc.

²⁴ Cf. *Ibidem*.

²⁵ *Ibidem*, p. 467.

A necessária interioridade e exterioridade pessoal, devem orientar as nossas decisões e comportamentos lúcidos, livres e libertadores. De facto não se deve «desprezar a vida exterior; sem ela, a vida interior torna-se insensata; assim como sem esta, aquela delira»²⁶. Seria difícil fazer melhor síntese.

7. *A pessoa e o Absoluto são capazes de comunicação real.*

O dilema proposto pelos coriféus do seu tempo, afirmava pela disjuntiva: ou a Pessoa ou Deus. E até alguns personalistas alinhavam nesta perspectiva, tais como Howison, Mac Taggart e Renouvier.

K. Jaspers admite que a realidade pessoal exprime uma íntima transcendência. Dada a respectiva radicalidade em termos correntes, seria inacessível e inominável. E. Mounier enfrenta a situação e insiste: o movimento que constitui a pessoa orienta-nos para uma transcendência, percebida na imanência. Mais: é possível utilizar a analogia da linguagem para nos referirmos ao transcendente:

a. O modo de pôr a questão parece-lhe essencial. Não devemos usar, univocamente, a terminologia de espaço, tempo e sensível.

Por outro lado, «transcendência» não implica separação ou justaposição, mas sim uma realidade diferente na qualidade e ordem de ser. Essa entidade pode ser atingida por um salto dialéctico e expressivo, fora do movimento sucessivo e contínuo. As relações espirituais têm as características de serem: intimidade na distinção e nunca exterioridade na justaposição, o que não exclui a presença da realidade transcendente no íntimo da realidade transcendida; o Transcendente seria mais íntimo a cada pessoa do que a respectiva intimidade. Colocando a questão em termos mais acessíveis ao comum dos mortais, E. Mounier, faz uma enumeração ascensional: existe a transcendência da existência sobre o nada; transcendência do existente face ao mundo em geral; transcendência do mundo relativamente ao existente; transcendência do existente relativamente a si mesmo, enquanto a pessoa num movimento íntimo projecta-se para além de si, em direcção ao futuro a viver.

²⁶ *Ibidem*, p. 469.

Esta eclética noção de transcendência, que inclui os conceitos de exterioridade e domínio, movimento e plenitude, é completada com mais três noções bastante complexas.

b. *As três noções irredutíveis* podem resumir-se no seguinte:

- Efectivamente existe uma certa *fissura ontológica* entre dois modos de existir, pessoa e transcendência, na imanência da consciência. Algo parecido com o bem e o mal num mesmo comportamento, verdade, mentira e má-fé, o ser e o nada, o limite e a plenitude na vida pessoal total existente e onde tudo isto pode coexistir como a luz e a sombra.
- A noção de *prospectiva de projecto* (de que Mounier denunciou a transprocedência), indica que a pessoa está permanente e perpetuamente lançada para a frente, para uma nova plenitude acabada. Isto indica que estamos envolvidos pela imanência, articulada e projectiva. No projecto e caminhada, procuramo-nos a nós, mas como existentes buscamos a plenitude intuída e que está inscrita na pessoa como apelo e dinâmica a assumir.
- A *experiência da transcendência* acontece na auto-verificação da existência, como sendo a experiência de um movimento indefinido, em vista «de ser mais». Este movimento, inerente ao ser pessoal, que tem a perspectiva de infinito, incita-nos a livremente aderir ou recusar esta realidade intrínseca ao acto de existir. Este sentido agudo da mobilidade e prospectiva do Ser em si, que ultrapassa as «harmonias naturais» dos seres humanos²⁷.

c. *Várias pistas da transcendência* se podem descortinar na análise da vida pessoal e social:

- A primeira pista é a rara, mas possível experiência como *plenitude* ou experiência de cume, que conduz à genérica superação. Tudo isto implica o reconhecimento do ser em si mesmo²⁸. Isto foi intuído por Santo Agostinho com a teoria da memória; Platão falara da teoria da rememiscência; Pascal tem uma fórmula que se tornou clássica e sugestiva: «tu não me procurarias se já

²⁷ Cf. *Ibidem*, p. 170.

²⁸ Cf. *Ibidem*, p. 171.

não tivesses encontrado». E Kierkegaard resume tudo na fórmula de que cada pessoa «está diante de Deus».

A *experiência da inexauribilidade do ser*, traduz-se nas espontâneas atitudes de pudor, timidez e ironia, que nos sugerem que nós mesmos somos mais do que sonhos e experimentamos. Aumentam as aquisições cognitivas, afectivas e de acção; e cada vez que se processa um avanço, mais nos apercebemos de que o Ser é inesgotável. Quanto mais sabemos, e quantas amplas perspectivas se abrem no nosso horizonte, mais inesgotável surge o que teremos que saber e percorrer. O método imanente, apurado e exigente, abre para a perspectiva transcendental.

A *verdadeira experiência humana abre-se* para o «excesso e o transbordamento». Não conseguimos conter passivamente a existência pessoal. Desde a simples percepção até ao pensamento, tudo se organiza na linha de superação do experimentado. A «vontade querida» e «a vontade dos desejos», orientam-nos para muito mais do que os fins conscientes, eventualmente aptos aos desejos imaturos.

Esta experiência ontológica é marcada pela profundidade e intensidade do que foi experimentado²⁹. Este tipo de experiência torna-se *presença e atestação*; o nosso ser não coincide com a nossa vida. O perigo é de, em vez de admiração e perdão, a pessoa dá-se conta da fixação ou desvio, na linha do empirismo vazio, degradando-se a experiência transcendente. De facto, o nosso ser pessoal é anterior à experiência que poderá ser inadequada e desorientada. E a experiência torna-se «insignificante».

d. *O caminho da irredutibilidade e do limite*, pode surgir como orientação para a transcendência e de dois modos pela *negação*, ou seja, mediante o limite, e pela *experiência positiva* percebida como super-abundância. Esta perspectiva não é percepção directa do *inexorável*, mas na linha do irredutível que aponta para o Outro absoluto. A alteridade do Outro, que não consiga dominar, pode ser, superficialmente, fonte de irritação e até injúria para a razão que de tudo gostaria de conhecer o «como», o «porquê» e o «para quê» e assim dominar a situação.

²⁹ Cf. *Ibidem*, p. 171-172.

Efectivamente o «limite», chocando-se em todas as dimensões da existência, afirma o «sobremodo» sem o revelar³⁰. Na verdade, no dia a dia, tropeçamos nas situações limite, sem as conseguirmos dominar. O que é fonte de irritação e, por vezes, de ingénua agressividade. Ao mesmo tempo, as 'situações limite' me põem em contacto com um sentido obscuro do mundo, que não pode ser objecto da consciência, se bem que apreendido, no *próprio impasse*, como que transfigurando esse impasse. Nesta proximidade hostil, que é a prisão do limite, revela-se o absoluto longínquo, o inabordável, como uma presença na noite, o *Deus absconditus*.

«A desgraça da escolha introduz o limite em toda a parte e em todos os momentos da existência, ela faz da experiência do limite uma duplicada inseparável da experiência da super-abundância. O limite, assim vibrante, na orla do acto, não convida à paragem, mas ao salto, à aventura, à aposta»³¹.

Este texto de difícil tradução, faz apelo ao rigor das análises do pensamento e da experiência indesmentível do limite e da irreductibilidade do ser e agir de toda a pessoa desperta.

e. *Pistas da personalização dos valores*, a partir da «efervescência» que a pessoa faz em si mesma na dupla experiência de *superação e ultrapassagem*³². Assim, a pessoa não é um projecto adiado; constantemente se deve encaminhar para superar e ultrapassar a actual situação, imprimindo e desenvolvendo o máximo de energia-orientada na linha ascensional, sem nunca perder de vista a respectiva inserção na terra.

A concretização desta «movimentação transcendente», faz-se pela *personalização dos valores*, que estimulam e alimentam o movimento, orientado pelo finalismo inscrito e despertado no ser pessoal atento e disponível.

O que efectivamente agrupa, ordena e dá densidade aos valores, é o apelo singular que lhes vem do Valor dos valores, a *Pessoa Suprema*, d'Ela promana a dignidade das pessoas humanas.

³⁰ Cf. *Ibidem*, p. 172.

³¹ Cf. *Ibidem*, p. p. 173.

³² As palavras técnicas de E. Mounier são: «dépassement» e «surpassement».

Esta temática foi frequentemente retomada e analisada, em vários tons, recusando o mundo idealista, em que haveria modelos absolutos dos valores a imitar³³.

Este modelo de axiologia exigiria que fossem explicadas as «provas» da existência do Valor transcendente e os modos de ter acesso à «fonte dos valores». E. Mounier não ilude a questão, nem se esquiva à proposta de pistas de resposta: Quanto à existência do Transcendente e respectiva demonstração, coloca-as na zona da liberdade. Não é uma evidência que se imponha massiva e irrecusavelmente a todos. Cada pessoa é que terá de ampliar as capacidades pessoais, manter-se aberta à plena vivência da liberdade. A existência da transcendência manifesta-se, exprime-se na plenitude pessoal. Não é objecto de provas, de demonstração evidente pela via científica, matemática ou filosófica. Estes tipos de raciocínio poderão ser vias ou pistas; mas haverá que dar o salto pela intuição, na vivência plena da vida pessoal em liberdade assumida. Quanto mais se deteriorar a vida pessoal, mais hipóteses haverá de cegueira espiritual. A decepção ontológica pode conduzir até ao ódio pateta.

Quanto mais se actualizar e concretizar a plenitude pessoal, mais adequadamente se exprime a certeza da existência do Valor supremo. O meio pertinente para entrever, atingir, penetrar e saborear o transpessoal, consiste na personalização dos valores, no que eles têm de permanente, essencial e eterno.

Porque os valores são assumidos num tempo e espaço, é possível não distinguir e joeirar o que neles é acidental, temporal e caduco, do que constitui a respectiva natureza íntima e definitiva e constitui as suas características positivas. Por isso propõe alguns critérios para discernir a verdade dos valores:

- *Distingue valor e ideia geral, universal*. As *ideias gerais* somam e integram um certo número de determinações explícitas. As suas características e força consistem em poderem ser validamente repetidas de modo indefinido e universal.

Mas o *valor* (que vem do grego «axilos» e significa o que é digno de ser feito), surge como grito de superabundância e certa

³³ Cf. *Ibidem*, p. 487.

plenitude. Este tipo de apelo encerra uma certa singularidade expansiva e certo parentesco com o ser pessoal. No sentido etimológico inclui certa dinâmica religiosa.

Valor e encarnação têm algo em comum. A orientação de *valor é concretizar-se nos sujeitos concretos*, pessoal ou colectivo. Daqui surge a «historicidade dos valores», enquanto têm uma existência histórica, eclodindo no campo da consciência desperta das pessoas ou comunidades. E a história regista que em diferentes épocas e povos, surgiram certos sectores de valores, tais como a honra medieval e liberdade, igualdade e justiça, nos tempos modernos. No povo indú prevaleceu a piedade, no povo árabe a esmola etc. Todavia os valores surgem, afirmam-se e depois cristalizam, fossilizam-se. E aqui surge o perigo de defender a forma decadente, perdendo o seu verdadeiro sentido, o que é frequente fonte de conflitos e desentendimentos insensatos.

O valor genérico só se realiza na medida que é singularmente assumido pela pessoa consciente e livre. Só os valores assimilados conduzem a pessoa à plenitude da própria vocação expansiva. É na subjectividade e na verdade pessoal que os valores têm a força e a dinâmica para estimularem a pessoa para o seu máximo.

Os valores revelam-se e amadurecem nas profundezas da liberdade. As opções críticas e avaliativas, regularmente ponderadas, é que conseguirão não perder de vista os valores autênticos dos respectivos invólucros vazios.

Os valores dependem das comunidades e dos sujeitos que as compõem. Os valores têm certa dose de subjectividade, visto que só nos sujeitos têm actualidade. Todavia essa dinâmica empírica tem de ser avaliada, verificada e actualizada na vivência social e nas relações comunitárias. Os valores são assumidos, assimilados e verificados comunitariamente, evitando o perigo de serem subjectiva expressão do «eu pessoal». A pessoa é ela e a sua circunstância; deve dispôr-se a abrir-se ao universo, pelo conhecimento, adesão selectiva e os empenhamentos concretos, conduzidos pela estrela de valores. É que «a pessoa é, em última análise, *movimento em direcção ao transpessoal*»³⁴.

³⁴Cf. *Ibidem*, p. 489.

Esta orientação inclui movimento, com combate e confronto, consigo e com o meio. O valor não é simples dom; exige esforço e superação, na clara consciência de que não se esgota. É na complementaridade do filósofo, do poeta, do político e do técnico que os paradoxos dos valores são ultrapassados e decifrados, para se evitarem as fugas do real, disfarçadas sob a forma de espiritualismo, carismáticas, experiências místicas. Estas falsidades egotistas quase sempre incluem formas parasitárias que causam náusea pela má fé, impostura e farsa que tudo frequentemente envolvem³⁵.

Os valores autênticos tornam as pessoas transparentes, corajosas e generosas. É o quadro interno dos valores assumidos que levam ao devotamento, à autêntica devoção de viver para o Outro, nos e pelos outros.

Os santos são as pessoas sadias que ultrapassam o individualismo egoísta, o espírito de seita ou capela, para se abrirem ao Valor que os desperta para a comunicação, acolhimento e empenhamento, segundo os valores que a conduzem pelo pessoal ao transpessoal³⁶.

Assim, a pessoa, na medida que é sadia, comunica e comunga.

BERNARDO DOMINGUES, O.P.

³⁵Cf. *Ibidem*.

³⁶Cf. *Ibidem*, p. 489-490.